

A linguagem simbólica e o lugar do ambão no espaço litúrgico

Raquel Tonini Rosenberg Schneider¹

Resumo: Lugar de celebração da assembleia de fé, o espaço litúrgico é fundado na distribuição e organização da sua área em dois espaços fundamentais, um para a mesa da Eucaristia e outro para a mesa da Palavra. Através da linguagem simbólica e moldado pela Liturgia, o edifício eclesial, igreja de pedra, manifesta a Igreja viva, corpo de Cristo. A pesquisa tem por objetivo compreender como essa linguagem, presente na mistagogia do edifício eclesial, revela o devido lugar do ambão no espaço celebrativo e evidencia que este evoca e provoca a assembleia celebrante à escuta da Palavra de Deus. Para isto, fundamenta-se na redescoberta da linguagem simbólica e seus símbolos essenciais, apresenta a configuração do espaço celebrativo como um espaço bipartido e relaciona as dificuldades para a experiência litúrgica da comunidade cristã quando essa linguagem não está presente na arquitetura-arte das igrejas. Os resultados indicam a necessidade da catequese mistagógica para o Povo de Deus e a crescente consciência de que toda intervenção nos espaços celebrativos é, simultaneamente, adequação litúrgica e ação pastoral, manifestando, assim, a importância, para o ato de fé, de que o edifício eclesial seja expressão visível do que simboliza.

Palavras-Chave: Linguagem Simbólica. Mistagogia. Liturgia. Ambão. Espaço Litúrgico.

INTRODUÇÃO

O espaço litúrgico cristão é lugar de encontro da assembleia reunida, onde celebra o memorial de Cristo crucificado e ressuscitado - a eucaristia, “fonte e centro de toda a vida cristã” e, “oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela; assim, (...) todos tomam parte na ação litúrgica” (LG, n. 11). A eucaristia é, portanto, *epifania da eternidade no tempo* (TABORDA, 2009, p. 81). “Os fiéis, incorporados na Igreja pelo Batismo, são destinados pelo caráter batismal ao culto da religião cristã e, regenerados para filhos de Deus, devem confessar diante dos homens a fé que de Deus receberam por meio da Igreja” (LG, n. 11).

No mundo o *homem-mulher*² executa suas atividades cotidianas e celebra a vida em comunidade. O lugar da ação humana tem, assim, grande influência sobre como estas se realizam. Tendo em vista que o espaço litúrgico é moldado pela Liturgia e, por isto mesmo, **mistagógico**, pode-se afirmar que “é a liturgia a verdadeira responsável de obras e que o espaço litúrgico condiciona de forma marcante a fé da comunidade” (RICHTER, 2005, p. 38).

1 Arquiteta Especialista em Espaço Celebrativo-Litúrgico e Arte Sacra (ITESC-FAJE), aluna do Pontifício Instituto Litúrgico de Roma, no Master *Arte per il Culto* e mestranda em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Instituição de origem: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Instituição financiadora da pesquisa desenvolvida: a aluna recebe apoio financeiro da CAPES.

2 Termo cunhado pela prof.^a Dra. Maria Giovanna Muzj e utilizado nas disciplinas de Introdução à Linguagem Simbólica e Mistagogia do Edifício Eclesial, por ela ministradas no Pontifício Instituto Oriental - PIO, em Roma, nos anos 2019 e 2020 respectivamente, e aqui adotado.

Eusébio de Cesaria, em seu Panegírico dirigido a Paulino, Bispo de Tiro, por ocasião da dedicação da igreja, corrobora a afirmação. Em seu elogio, explica o sentido mistagógico do edifício eclesial e, pela narrativa do plano arquitetônico-artístico introduz o fiel na experiência e compreensão de que a igreja de pedra se ergue com o crescimento da igreja viva. Esta, proclama a bondade do Senhor, que “é compassivo com aqueles que o temem” (Sl 103, 13) e, fazendo memória do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, a Ele rende glória. Uma catequese-mistagógica destinada a todos os presentes, pastores e “ovelhas do rebanho sagrado de Cristo, alvo de bons discursos, escola de sabedoria, auditório religioso, venerando e amigo de Deus” (EUSÉBIO, 2019, X,4,4).

O Bispo Paulino conduziu os trabalhos de construção estimulando “o zelo do povo inteiro” e congregando-o, a fim de que, com sua participação e unidas as mãos de todos, tivesse se formado “uma só mão enorme” a trabalhar na edificação de tal obra, a fim de que fosse realizada “através de ‘símbolos dos tipos celestes’” (EUSÉBIO, 2019, X,4,25-26). A narrativa realça o zelo com a construção da igreja. Demonstra, ainda, que a configuração do espaço onde a assembleia reunida celebra sua fé está fundamentada em critérios precisos, a partir de uma linguagem própria, simbólica, em vista de atender à mistagogia do edifício eclesial. Trata-se de um espaço orientado e ordenado, pautado na redescoberta da linguagem simbólica e na mistagogia do espaço celebrativo, implicando um processo catequético-formativo que abre as portas desta linguagem ao homem contemporâneo.

1 O ESPAÇO LITÚRGICO E A LINGUAGEM SIMBÓLICA

A Santa Igreja, em Máximo, o Confessor (+-580-662) - Padre da Igreja do Oriente -, “é a imagem do mundo sensível enquanto tal. Há para o céu... o divino santuário e para a terra a beleza da nave. E, em modo contrário... o mundo é uma igreja: para o santuário há o céu e para a nave o ornamento da terra” (BANON et al, 2015, p.119. *Tradução nossa*). Através da linguagem simbólica, ele descreve a relação entre a Criação e a Igreja e faz referência direta à igreja-edifício, lugar primordial do encontro da igreja-viva, cuja arquitetura-arte é essencialmente cósmica.

1.1 OS FUNDAMENTOS DO MODELO APRESENTADO, ATRAVÉS DA LINGUAGEM SIMBÓLICA

O modelo que São Máximo apresenta tem origem no simbolismo comum a todas as culturas tradicionais e se trata de uma linguagem adequada para expressar o inexprimível, trazendo no binômio céu-terra a materialização do edifício sagrado, pelas formas do círculo e do quadrado. O mundo visível através deste binômio, tem origem, segundo a cosmografia dos antigos, no ponto fixo da abóboda celeste, descoberto pelo *homem-mulher* a partir da sua observação e experiência enquanto partícipe deste mundo. Este marca o lugar da abertura na abóboda celeste, onde se encontra, o lugar da habitação do Transcendente, Inominável, In-conhecível, Início e Fim de tudo, do “Tu, para além de tudo”, segundo São Gregório de

Nazianzo³, dirigindo-se a Deus com uma de suas poesias,. Do ponto fixo no céu, conhecido como a Estrela Polar, nascem o círculo e o quadrado, imagens do céu e da terra.

O círculo, cuja projeção espacial se transforma em uma esfera, indica a cobertura do mundo e, assim, tudo o que se encontra mais próximo da Divindade é representado na arquitetura-arte da Antiguidade, com a forma circular ou esférica. O quadrado ou retângulo - cuja origem está no ponto e não no simples encontro de quatro linhas dispostas em ângulos retos, é símbolo da terra, lugar da história, onde o *homem-mulher* vive. Sua projeção espacial se torna um cubo ou paralelepípedo. É expressão do espaço terrestre partido em quatro: os quatro pontos cardeais, as quatro estações do ano.

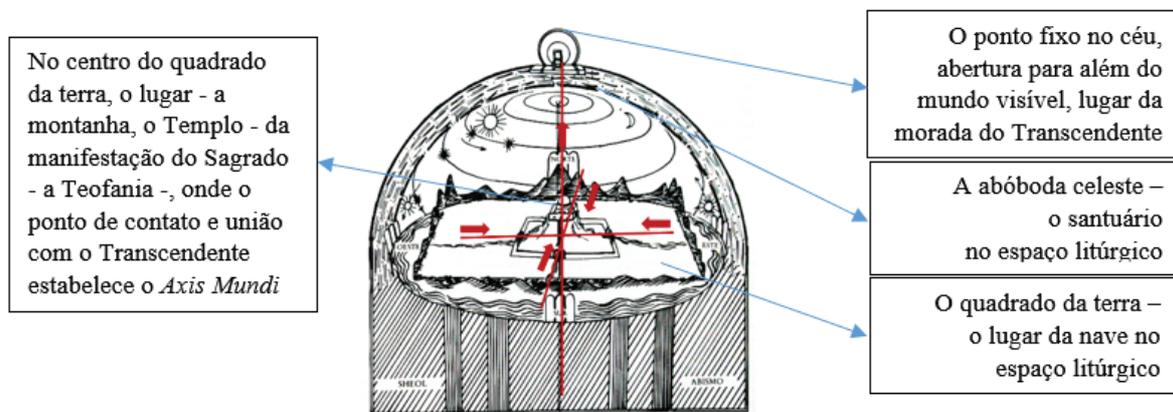


Figura 1: Cosmografia dos antigos

O ponto central, lugar da manifestação do sagrado, atrai para si toda a atenção e, ao mesmo tempo, é origem e fonte de todas as coisas e do movimento de saída, que envolve toda a condição humana. Da mesma forma, este ponto marca um movimento vertical descendente-ascendente, que define a consciência de fé da comunidade, pela esperança e desejo de eternidade, pressupondo ainda aquele horizontal, de aproximação e resposta. Nesta dinâmica, encontra-se o sentido da vida e o encontro da identidade do ser humano.

1.2 O MODELO APRESENTADO AO POVO DE DEUS

A apresentação de um modelo para a construção do santuário aconteceu sobre a montanha, no Primeiro Testamento, conforme o relato bíblico do livro do Êxodo (Ex 25,40). Nos capítulos 25 a 31 estão as prescrições referentes à construção do santuário, onde o próprio Deus enche com o espírito de sabedoria, entendimento e conhecimento os escolhidos para os trabalhos no santuário (Ex 31,2-3). O acampamento hebraico e a organização da Tenda trazem presente o simbolismo cósmico, segundo as instruções recebidas.

³ “Sê benigno, Tu, o Além de tudo” (Carmina [dogmatica] 1, 1, 29: PG37, 508). Poema atribuído a São Gregório Nazianzeno. Disponível em: <http://paisdaigreja.com.br/sao-gregorio-de-nazianzo-i/>. Acesso em 10 set. 2021.

Dois espaços distintos constituíam o espaço da Tenda Mosaica. No primeiro, chamado o Santo, estavam o altar para o perfume, os castiçais, a mesa e os pães, onde os sacerdotes entravam sempre para realizar os serviços do culto. No segundo, chamado o Santo dos Santos e por trás do véu, estava a arca da aliança e, somente o sumo-sacerdote entrava, uma vez ao ano, para fazer a oferta por si mesmo e pelos pecados cometidos pelo povo. A edificação do templo seguiu as mesmas orientações, tratando-se, segundo Santo Ireneu, da pedagogia de Deus que, ensinava a perseverança, convidando o seu povo por meio das coisas figuradas e temporais, a voltar-se para aquelas verdadeiras e eternas (IRENEU DE LIÃO, AH IV,14,3).

A Sinagoga repete esta configuração de dois espaços fundamentais na sua organização espacial. O Santo dos Santos aqui é o lugar onde se encontra o armário que guarda os textos sagrados, separado do espaço restante por estrutura com degraus e, no lugar da assembleia - o Santo -, está a bimá ou bema – plataforma elevada, de onde a Torá é lida, os hinos e salmos são cantados e os ensinamentos são transmitidos.

1.3 O MODELO INTERPRETADO E ATUALIZADO PELOS PRIMEIROS CRISTÃOS

(...) temos um tal sacerdote que se *assentou* à direita do trono da Majestade nos céus. Ele é ministro do Santuário e da *Tenda*, a verdadeira, *armada pelo Senhor*, e não por homem. (...). [O culto realizado] é cópia e sombra das realidades celestes, de acordo com a instituição divina recebida por Moisés a fim de construir a Tenda. Foi-lhe dito, com efeito: *Vê que faças tudo segundo o modelo que te foi mostrado na montanha* (Hb 8,1-7).

Cristo estabelece um novo sacerdócio. “Ele é o mediador de aliança bem melhor” (Hb 8,6), a aliança definitiva de Deus com seu Povo. A ação ritual que celebra o evento salvífico e estabelece a liturgia cristã tem raiz bíblica e se desenvolve em dois momentos: a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística, cuja unidade “pode ser mostrada à base de Ex 24,1-11, que narra o estabelecimento da aliança entre Deus e seu povo, constituindo-o *qahal*, *ekklesia*” (TABORDA, 2009, p. 47). Os primeiros cristãos-judeus frequentavam o Templo e a Sinagoga e, “mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42). Com o crescimento da comunidade começaram a adequar suas casas, transformando-as em espaços de encontro e de celebração.

A *Domus Ecclesiae* - casa da comunidade -, ainda que se utilizando de uma estrutura arquitetônica existente, apresentava uma configuração espacial e organização a partir do simbolismo expresso por São Máximo. O exemplo da mais antiga igreja-casa descoberta, está situada na antiga cidade militar de Dura Europos, atual Síria, nas proximidades do rio Eufrates. Um espaço doméstico, dividido em cômodos, que promovia, por sua própria estrutura, a experiência existencial de lugares de confrontos - limiares -, através dos quais os espaços são acessados. Da entrada ao jardim interno; deste, à sala onde todos, batizados ou não, se reuniam para escutar a Palavra de Deus e seus ensinamentos; e, daí para a sala da

comunhão, destinada ao grupo dos batizados. O batistério, no conjunto edificado, encontra-se em outro ambiente acessado pelo adro. Os primeiros espaços destinados ao culto cristão revelam, assim, a existência dos dois espaços que estruturam a edificação: o da escuta e o da partilha do pão.

A passagem para o edifício público exigiu uma escolha. Dentre as estruturas existentes, os cristãos escolheram a basílica - edificação de caráter público -, adaptando-a à necessidade do culto. O tipo basilical também apresenta os dois espaços fundamentais que constituem o espaço litúrgico, apresentados por São Máximo. No Ocidente, prevaleceu a estrutura arquitetônica em planta longitudinal, de uma ou mais naves, que evidencia a dimensão do caminho, marcado pela sua sequência de colunas. O arco absidal, por sua vez, estabelece a passagem da nave para o santuário - o espaço da abside semicircular. A vida cristã, revelada na igreja-edifício, apresenta um movimento horizontal, realizado na história e em direção a Cristo-Altar, ponto central da igreja e outro, vertical ascensional, realizado “por Cristo, com Cristo e em Cristo”, rumo à morada eterna, desejo primordial do *homem-mulher* de todos os tempos.

2 O LUGAR DO AMBÃO NO ESPAÇO LITÚRGICO

Do grego *ana-baino*, o vocábulo latino ‘ambo’ significa “ir para cima, subir”, designando um lugar elevado, de onde a Palavra é proclamada. Em Ne 8,1-12 tem-se o primeiro ambão da história, onde foi feita a leitura do livro da Lei redescoberto: “Esdras, o escriba, estava sobre uma tribuna de madeira (...), mais alto que todo o povo”, atendendo, deste modo, à necessidade de comunicação que possibilitou a atitude de resposta dos ouvintes. “A dignidade da Palavra de Deus requer na igreja um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fieis no momento da liturgia da Palavra” (IGMR, n. 309)⁴.

Esta palavra que entra no mundo, alcança o mundo e a cada um: é para o mundo. “A Palavra de Deus ressoe sempre neste templo; que ela vos revele o Mistério de Cristo e opere na Igreja a salvação” (RB, n. 902). Do Jardim da Criação ao Jardim da Páscoa, Deus convida o *homem-mulher* ao diálogo e à relação: construção da amizade pela proximidade e intimidade – um caminho de escuta, de atenção e de resposta na liberdade, por parte do homem. A Palavra, proclamada deste lugar, que se encontra na história, atentamente escutada, é guia para a vida do *homem-mulher* e coloca a humanidade a caminho - através de um anúncio de confiança e esperança. Deste modo, o ambão não simboliza o que é, de fato, em todo o seu significado, quando colocado fora do contexto da nave ou da passagem entre esta e o lugar do altar.

4 A IGMR, n. 295, ao tratar da disposição do presbitério para a assembleia sagrada, expõe que seja este o lugar onde se encontram o altar, onde é proclamada a Palavra de Deus e onde o sacerdote e demais ministros exercem o seu ministério. Os autores referenciados na pesquisa, abordando o tema a partir da mistagogia do espaço litúrgico, pautado na linguagem simbólica e nos exemplos das igrejas do primeiro milênio, apontam um caminho diverso, vivenciado pela Igreja, sobretudo no primeiro milênio.

2.1 O ESPAÇO LITÚRGICO É MISTAGÓGICO, PORQUE MOLDADO PELA LITURGIA

A liturgia celebra a fé cristã, expressa pelo movimento litúrgico, através de deslocamentos, gestos, sinais, palavras, sons, cheiros. Esta ação molda o espaço, evidenciando a concepção dinâmica da celebração. “Daqui se deduz que a organização do espaço litúrgico plasma a fé de forma decisiva” (RICHTER, 2005, p. 18), podendo contribuir, tanto para que o fiel seja conduzido à centralidade do mistério quanto, ao contrário, para sua dispersão.

Assim, “a disposição geral do edifício deve manifestar de algum modo a imagem do povo reunido e permitir uma ordem inteligente, bem como a possibilidade de se exercerem com decoro os diversos ministérios” (RDI, cap. II, 3). Neste sentido, a arquitetura sacra tem uma finalidade clara e objetiva de “oferecer à Igreja que celebra os mistérios da fé, especialmente a Eucaristia, o espaço mais idôneo para uma condigna realização da sua ação litúrgica; de fato, a natureza do templo cristão define-se precisamente pela ação litúrgica, a qual implica a reunião dos fiéis, que são as pedras vivas do templo” (SCa, n. 35).

O Documento 43, da CNBB, sobre a Animação da Vida Litúrgica no Brasil instrui, por sua vez, que “a igreja-edifício deve ser funcional e significativa, favorecendo, através de configuração e distribuição dos dois espaços fundamentais, tanto a execução da ação litúrgica quanto a participação ativa dos fiéis” (CNBB, 1989, n. 142). Recordando o ensinamento de São Máximo, a Igreja do Brasil esteve atenta quanto à recepção e aplicação das determinações e orientações do CV II.

A mistagogia da igreja-edifício tem sua origem na liturgia celebrada e sua linguagem é simbólica, seja na ação litúrgica, seja na materialização do espaço de culto pela arquitetura-arte das igrejas.

2.2 O AMBÃO NAS IGREJAS DOS PRIMEIROS SÉCULOS

Inspirado no bema da sinagoga e nele originado, o ambão da basílica paleocristã estava localizado no centro da nave, símbolo da terra, lugar da história e da escuta atenta, em vista da adesão ao seguimento de Cristo pelo ato de fé.

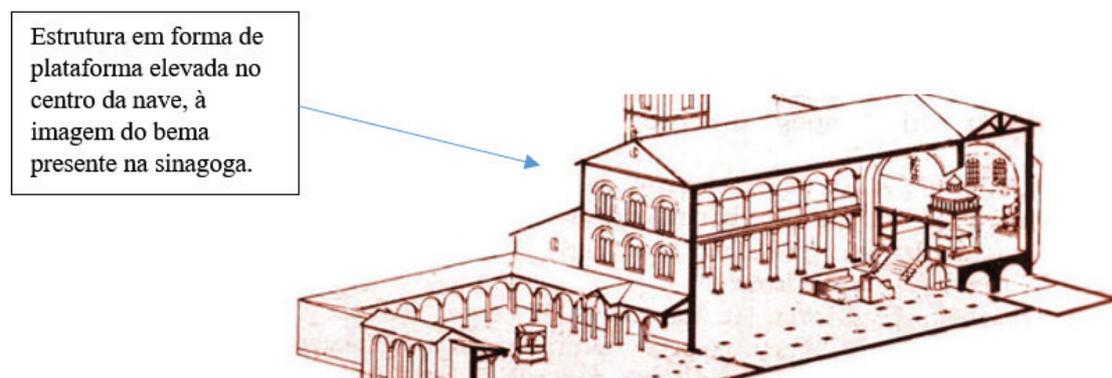


Figura 2: Basílica Paleocristã de São Pedro, Roma (com corte), por Carla Caprio

Ao longo da história, muitas mudanças e adaptações foram feitas e, cada vez mais, houve um distanciamento e até mesmo rompimento com a linguagem simbólica. O CV II propôs o retorno às fontes do cristianismo, recuperando o convite das origens à escuta e à relação, à proximidade e intimidade com o Senhor que, no seu amor infinito, deseja se encontrar com o *homem-mulher*. Isto implica uma vida “alimentada e regida pela Sagrada Escritura” (DV, n. 21). Dela, então, se pode dizer que “é viva e eficaz (Hebr. 4,12), capaz de edificar e dar a herança a todos os santificados (At. 20,32; 1 Tess. 2,13)” (DV, n. 21). Pela sua força e virtude, a Palavra de Deus “se torna o apoio vigoroso da Igreja, solidez da fé para os filhos da Igreja, alimento da alma, fonte pura e perene de vida espiritual” (DV, n. 21).

Na prática, em relação ao espaço litúrgico, isto implica o conhecimento sobre como a Igreja primitiva concebeu e adaptou seus espaços, resgatando os fundamentos da mistagogia do edifício eclesial, em vista de propostas coerentes e autênticas. Este caminho exige atenção e dedicação à pesquisa, conhecimento histórico e capacidade de interpretação, para uma sistematização fundamentada na doutrina.

2.3 O LUGAR DO AMBÃO HOJE

Em sua grande maioria, os espaços litúrgicos trazem uma configuração que não corresponde à mistagogia do edifício eclesial, concentrando no fundo do espaço, a plataforma elevada destinada ao presbitério, onde altar, ambão e cadeira estão presentes. O binômio presbitério-nave não indica aquele que outrora era símbolo do céu-terra, pois estas duas dimensões estão concentradas em um único espaço, do presbitério e, a assembleia dos fieis em outro, da nave, ou o restante do espaço.

“Assim, certamente se deve repensar aquele que é ainda o modelo habitual nas igrejas católicas, de colocação do altar, ambão e lugar da presidência numa mesma plataforma” (RICHTER, 2005, p. 17). Diante do exposto, pode-se afirmar que esta configuração não apenas é desprovida de sentido, como é contrária à própria concepção espacial das igrejas.

3 A CATEQUESE MISTAGÓGICA E A FORMAÇÃO LITÚRGICA

A solicitude da Igreja em promover e defender a verdade, deriva disso que, segundo o desígnio de Deus “que quer salvar todos os homens e que todos cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), os homens não podem sem a ajuda de toda a doutrina revelada conseguir uma completa e sólida união dos espíritos, com a qual andam juntas a verdadeira paz e a salvação eterna (JOÃO XXIII, 1962).

3.1 O CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965) E A NECESSÁRIA FORMAÇÃO QUE ALCANCE A TODOS

Consciente da sua vocação-missão de anunciar a Boa Nova de Jesus - o Crucificado-Ressuscitado, o Vivente -, sabe que em todos os tempos da nossa era e, particularmente “hoje, o acesso à fé na Ressurreição não é possível sem o testemunho dado pela Igreja no seu conjunto.

Isto supõe que a realidade cristã constitui em si mesma um testemunho de Ressurreição que se exprime pela palavra, pela celebração e pelo encontro ” (SESBOÛÉ, 2001, p.363).

Da premissa que “a liturgia é fonte de vida e expressão existencial da comunidade eclesial. É o ápice da comunhão com Deus, que dilata seu coração como fonte perene das graças celestiais. É uma ação da gratuidade divina e da acolhida dos fiéis” (BOGAZ; HANSEN, 2014, p. 14), o Concílio Vaticano II assume a Reforma Litúrgica inaugurada com a Constituição *Sacrosanctum Concilium* (1963). Apenas neste primeiro documento conciliar, o termo “formação” aparece dez vezes, destinado a todos, sem exceção. Aponta, primeiramente, para a necessidade de formação litúrgica do clero e, em seguida, discorre sobre a necessidade de formação dos professores de liturgia, através de uma “formação conveniente em ordem ao seu múnus em institutos para isso especialmente destinados” (SC, n. 15). Traz ainda a exigência da formação litúrgica dos seminaristas, sacerdotes e fiéis, em vista de uma “unidade da formação sacerdotal” e de “uma formação litúrgica da vida espiritual” (SC, n. 16-17). Por fim, sinaliza a respeito da promoção e formação musical e dos artistas.

Aos artistas, “prisioneiros da beleza e que trabalhais para ela: poetas e letrados, pintores, escultores, arquitetos, músicos, homens do teatro, cineastas ... A todos vós, a Igreja do Concílio afirma pela nossa voz: se sois os amigos da autêntica arte, sois nossos amigos” (PAULO VI, 1965). A estes amigos, permanece o convite à amizade, ao diálogo, à catequese mistagógica, ao processo formativo para uma crescente e contínua resposta da fé. Ainda nesta mensagem, o apelo da Igreja evoca o convite do próprio Cristo: “Não vos recuseis a colocar o vosso talento ao serviço da verdade divina. Não fecheis o vosso espírito ao sopro do Espírito Santo”.

3.2 DO PANEGÍRICO DE TIRO AO RITO DE DEDICAÇÃO DE IGREJA E ÀS ORIENTAÇÕES ATUAIS

Postado no meio da assembleia, com a igreja em silêncio e atenta ao Bispo convidado que vai lhe falar, Eusébio de Cesareia discursa a respeito da construção daquele templo da cidade de Tiro, que considerou o mais belo da Fenícia. Do início do século IV aos dias atuais, quase dois mil anos se passaram. O Concílio Vaticano II, a partir da Reforma Litúrgica, pede que os livros litúrgicos sejam revistos, assim como os cânones e todas as diretrizes eclesíásticas a respeito de tudo o que se refere ao culto, “sobretudo quanto a uma construção funcional e digna dos edifícios sagrados, ereção e forma dos altares, nobreza, disposição e segurança dos sacrários, dignidade e funcionalidade do batistério, conveniente disposição das imagens, decoração e ornamentos” (SC, n. 128). Tem-se, com isto, o objetivo de corrigir ou fazer desaparecer aquelas normas que não estejam de acordo com a reforma da Liturgia promulgada pelo Concílio, introduzindo ainda, outras que favoreçam sua promoção.

É neste contexto que se encontra o atual Ritual de Dedicção de Igreja e Consagração do Altar que, revisado segundo as determinações conciliares, reafirma ser “conveniente que a igreja, ao ser erigida como edifício destinado unicamente e de maneira permanente para nele se reunir o povo de Deus e se celebrarem os sagrados mistérios, seja dedicada ao Senhor por

meio de um rito solene, segundo o antiquíssimo costume da Igreja” (RDI, cap. II,2). O Rito em si, como vivenciado pela assembleia de Tiro, é uma catequese mistagógica que culmina no Rito Eucarístico e traz presente a simbologia que enche o coração de alegria e esperança, renovando o entusiasmo e vigor da comunidade reunida. Do mesmo modo, todos os demais Rituais, assim como a Introdução Geral ao Missal Roma, passaram por revisão.

No Brasil, o Documento-Base sobre a Arte Sacra também traz presente o tema da formação. Cita três elementos principais relacionados ao clero: “a instrução e formação artística; saber apreciar e conservar os monumentos artísticos da Igreja; orientar os artistas na execução de suas obras” (CNBB, 1971, 1.4-b). Propõe o estudo da arte sacra nos seminários, institutos e faculdades de teologia, tendo em vista que a “a formação artística é fruto de um conjunto que abrange também formação litúrgica e a formação musical do futuro presbítero, assim como o conhecimento e a compreensão do acervo de arte da região e do país. (CNBB, 1971, n. 2.2-b). Orienta ainda a constituição de Comissões de Arte Sacra e Bens Culturais com objetivos técnicos e formativos. O caminho foi aberto, mas frente às dificuldades e demandas consideradas mais urgentes, os passos foram lentos ou nulos e nos últimos tempos tem havido muitas iniciativas importantes.

O Setor Espaço Litúrgico, da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia, da CNBB, respondeu ao pedido dos Bispos brasileiros a este respeito e, além de outras ações, produziu dois estudos. O Estudo 106 (2013): Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do Espaço Celebrativo, e o Estudo 113 (2021): Orientações para adequação litúrgica, restauração e conservação das igrejas. Além disto, algumas faculdades, impulsionadas também pelo trabalho desenvolvido pelo Setor, estão oferecendo Cursos de Pós-Graduação *Latu Sensu* – Especialização em Espaço Litúrgico e Arquitetura e Arte Sacra, em vista da formação de presbíteros, profissionais, lideranças e todo o Povo de Deus.

3.3 O CAMINHO DA CATEQUESE MISTAGÓGICA

Tendo em vista que “como pede sua natureza, a igreja terá de ser adequada às celebrações sacras, bela, resplandecente de nobre formosura e não de mera suntuosidade e verdadeiramente sinal e símbolo das realidades celestes” (RDI, cap. II, 3), faz-se necessário, cada vez mais, a catequese mistagógica para o Povo de Deus e a crescente consciência de que toda intervenção nos espaços celebrativos é, simultaneamente, adequação litúrgica e ação pastoral, manifestando, assim, a importância, para o ato de fé, de que o edifício eclesial seja expressão visível do que simboliza.

“Quando se constrói uma igreja, não se pode esquecer que ela toda é um ícone, uma imagem viva. Moldada pela liturgia, é, por si mesma, mistagógica” (CNBB, 2013, Apresentação). A educação litúrgica, deste modo, está diretamente relacionada com o significado da disposição do espaço litúrgico e sua organização. O caminho da formação é indicado pela catequese mistagógica, que desperta o conhecimento e, assim, sucessivamente, deseja aprofundar a experiência vivida.

CONCLUSÃO

O espaço litúrgico, constituído de dois espaços fundamentais, é um espaço orientado, organizado, comparada ao cosmos, com um centro que atrai tudo para si e de onde tudo provém. Lugar de encontro e celebração da assembleia de fé, moldado pela Liturgia celebrada, é mistagógico. Sua configuração, a partir da linguagem simbólica, revela o devido lugar do ambão, evidenciando que este evoca e provoca a assembleia à escuta da Palavra de Deus e ao convite amoroso para o seguimento de Cristo como discípulo-missionário.

A realidade, entretanto, traz desafios. Entre outros, a necessária catequese mistagógica, dirigida a todo o Povo de Deus, “significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã” (EG, n. 166). Dela deriva o processo formativo e a consciência da importância de intervenções atentas e autênticas, que sejam oportunidade de adequação litúrgica, produzam ações pastorais educativas, contribuam na evangelização e promovam um movimento de saída.

O caminho traz esperança e revela, a cada passo, quão importante é para o ato de fé, que o edifício eclesial seja expressão visível do que simboliza. Precedidas pelo dom de Deus, a educação e a catequese, assim, estão a serviço do crescimento integral do *homem-mulher*, e anunciam Cristo ao mundo, “verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (EG, n. 167).

SIGLAS

AH – *Adversus Haereses*

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CV II – Concílio Vaticano II

DV – *Dei Verbum*: Constituição dogmática sobre a Revelação Divina

IGMR – Instrução Geral ao Missal Romano

LG – *Lumen Gentium*: Constituição dogmática sobre a Igreja

SC – *Sacrosanctum Concilium*: Constituição sobre a Sagrada Liturgia

SCa – *Sacramentum Caritatis*

RB – Ritual de Bênçãos

RDI – Ritual de Dedicção de Igreja e Consagração de Altar.

FIGURAS

Figura 1 – Fonte: CHAMPEAUX, Gérard de – STERCKX, Sébastien osb. I simboli del medioevo. Milano: Jaca Book, 1981. p. 259.

Figura 2 – Disponível em: <https://www.thinglink.com/scene/974400257729232899>. Acesso em 07 jul. 2018.

REFERÊNCIAS

- BANON, D. et al. *Architettura Liturgia e Cosmo*. Magnano: Edizioni Qiquajon, 2015.
- BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique. *Liturgia no Vaticano II: novos tempos da celebração cristã*. São Paulo: Paulus, 2014 (Marco Conciliar).
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- CNBB, Documento 43. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. Elementos de Pastoral Litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1989.
- CNBB, Estudo 106. *Orientações para Projeto e Construção de Igrejas e disposição do Espaço Celebrativo*. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- CNBB, Estudo 113. *Orientações para Adequação Litúrgica, Restauração e Conservação da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2019. (Patrística).
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.
- INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO E INTRODUÇÃO AO LECIONÁRIO. Texto Oficial, 5.ed. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- IRENEU DE LIÃO. *Contra as Heresias (Adversus Haereses)*. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística).
- JOÃO XXIII, Papa. *Discurso de Sua Santidade Papa João XXIII na Abertura Solene do SS. Concílio*. Site do Vaticano > Discursos > João XXIII, 1962. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 13 set. 2021.
- PAULO VI, Papa. Mensagem Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos Artistas. Site do Vaticano > Discursos > Paulo VI, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html. Acesso em: 12 set. 2021.
- SESBOÛÉ, Bernard. *Convite a pensar e viver a Fé no Terceiro Milênio*. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001.
- PONTIFICAL ROMANO. *Ritual de Dedicção de Igreja*. Natureza e dignidade da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1984.
- RICHTER, Klemens. *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005.
- RITUAL ROMANO. *Ritual de Bênçãos*. 8.ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- TABORDA, Francisco. *O memorial da Páscoa do Senhor*. Ensaio litúrgico-teológico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2009. (Theologica).